

DIMENSÕES ANALÍTICAS NOS ESTUDOS COM MÃES OUVINTES DE FILHO/A SURDO/A

ANALYTICAL DIMENSIONS IN STUDIES WITH HEARING MOTHERS OF DEAF CHILDREN

Recebido em: 03/09/2025

Aceito em: 23/12/2025

Publicado em: 14/02/2026

Mariadna da Silva Costa¹ 

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Denise Aparecida Brito Barreto² 

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Resumo: Esta produção investiga os discursos produzidos sobre as vivências da maternidade ouvinte de filho/a surdo/a quanto ao contexto linguístico, a partir das pesquisas realizadas com esses sujeitos. Como objetivos específicos, identifica pesquisas nas formações *stricto sensu* realizadas com mães ouvintes de filhos/as surdos/as acerca de processos linguísticos, apresenta os principais aspectos abordados e analisa os atravessamentos da vivência dessa maternidade a partir das falas das mães. A metodologia decorre da abordagem qualitativa, de cunho bibliográfico, na qual a coleta de dados utiliza plataformas de banco de teses e dissertações para investigações da produção dos pares como importante meio de estudo das dimensões analíticas que permeiam o campo de estudo. Concluiu-se que as oito pesquisas encontradas sobre os processos linguísticos presentes na relação da díade mãe ouvinte - filho/a surdo/a, discursam sobre diversas questões relacionadas sobretudo ao campo da surdez, linguagem e interação e ressaltam uma maternidade permeada por singularidades.

Palavras-chave: Mãe ouvinte; Surdez; Linguagem; Interação; Libras.

Abstract: This study investigates the discourses produced about the experiences of hearing motherhood of deaf children within the linguistic context, based on research conducted with these subjects. The specific objectives are to identify *stricto sensu* academic research involving hearing mothers of deaf children regarding linguistic processes, to present the main aspects addressed, and to analyze how the experience of this motherhood is traversed through the mothers' narratives. The methodology is based on a qualitative, bibliographic approach, in which data collection was carried out using thesis and dissertation databases to examine peer-reviewed productions as a relevant means to study the analytical dimensions that permeate this field. The findings show that the eight studies found on linguistic processes in the hearing mother-deaf child dyad address various issues, especially within the fields of deafness, language, and interaction, highlighting a form of motherhood marked by singularities.

Keywords: Hearing mother; Deafness; Language; Interaction; Brazilian Sign Language (Libras).

INTRODUÇÃO

A constituição de um estudo evoca a observação dos dados, anteriormente, construídos sobre uma temática em questão, considerando que ela existe a partir de uma realidade

¹ Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB, graduada em Letras-Libras pela Uniasselvi, aluna do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – PPGED- UESB, bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. Brasil, Bahia, Vitória da Conquista. E-mail: mariadnacosta118@gmail.com

² Docente plena da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. Coordenadora do Grupo de Estudos em Linguagem, Formação de Professores e Práticas Educativas (GELFORPE/CNPQ/UESB). Doutora em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia – UFBA. Pós-doutora em Educação pela Universidade de Coimbra – FPCE. Brasil, Bahia, Vitória da Conquista. E-mail: denise.brito@uesb.edu.br

apresentada socialmente, que pode ser lida por diferentes abordagens, em distintos contextos e amplas proposições teóricas. Por meio dessas nuances no âmbito do estudo científico, é viabilizada a apresentação das lacunas e as possibilidades de avanços em novas pesquisas. O presente estudo é uma revisão bibliográfica, que introduz o processo de pesquisa no curso de mestrado em educação, cuja temática aborda sobre os processos linguísticos vivenciados por mães ouvintes de filhos/as surdos/as no Brasil, no qual a Língua Brasileira de Sinais – Libras é institucionalizada.

Dispõe-se a observar o que tem sido discutido sobre a trajetória de vida e os processos linguísticos vivenciados por essas mulheres em diferentes contextos relacionais, ao passo que o maior percentual de surdos/as são provenientes de famílias ouvintes e não é proposto a nível nacional, uma política que abranja o ensino da Libras para a família. Posto isso questiona-se: Quais os discursos sobre o contexto linguístico e os principais atravessamentos vivenciados na maternidade ouvinte a partir das falas presentes nas pesquisas realizadas com esses sujeitos?

Para alcance dessa resposta, apresenta como objetivo geral, investigar os discursos sobre o contexto linguístico e os atravessamentos vivenciados na maternidade ouvinte a partir das falas presentes nas pesquisas realizadas com esses sujeitos. Especificamente visa identificar pesquisas realizadas com mães ouvintes de filho/a surdo/a acerca dos processos linguísticos vivenciados para acesso a comunicação, apresentar os principais aspectos abordados nas pesquisas com mães ouvintes e analisar os atravessamentos da vivência da maternidade ouvinte, a partir dos discursos produzidos nas pesquisas. Segundo Ferreira (2002), esse trabalho pode ser denominado de estado do conhecimento pela proposição de mapear as produções e de analisar os campos teóricos abordados em dissertações e teses. Sobre a organização e constituição desse levantamento a autora afirma ser realizada por uma:

metodologia de caráter inventariante e descritivo da produção acadêmica e científica sobre o tema que busca investigar, à luz de categorias e facetas que se caracterizam enquanto tais em cada trabalho e no conjunto deles, sob os quais o fenômeno passa a ser analisado (Ferreira, 2002, p. 258).

Esse estudo corrobora, principalmente, na divulgação no que se refere às “reflexões desenvolvidas ao nível de pós-graduação, cuja produção está distribuída por inúmeros programas de pós e pouco divulgada” (Ferreira, 2002, p. 259). Ele se constitui, assim, como um trabalho necessário e importante por contribuir na fundamentação de uma pesquisa em andamento e também observar e ampliar o escopo de exposição de textos já cientificamente construídos e aprovados pelos pares na área.

A pesquisa fundamenta-se na investigação sobre os processos linguísticos vivenciados pelas mães ouvintes, durante a constituição da maternidade, diante da surdez de seu filho e/ou filha. Nesse sentido, as análises dos trabalhos terão por base autores como Gesser (2009), Gesser (2012) e Goldfeld (2002) para contribuir na compreensão dos aspectos relacionados à aprendizagem da mãe, num cenário de ensino da Língua Brasileira de Sinais – Libras, em que apenas o filho/a possui um aparato educacional e legislativo para a aprendizagem da língua de sinais — LS, diferentemente, da família e em especial da mãe.

Para essa busca, selecionou-se o Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior — CAPES, por ser uma plataforma onde consta uma grande parte da produção nacional de trabalhos de instituições educacionais públicas e privadas. Somado à Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações — BDTD/IBICT, para ampliar o escopo de estudo. Esses bancos de dados foram escolhidos devido à constatação de pesquisas realizadas no território nacional, possibilidade de permitir o acesso ao documento online na íntegra ou ao link que direciona para esse e a observação da instituição e programa no qual o mesmo foi realizado.

Nas plataformas de publicações, a fim de acessar os trabalhos que atendessem aos objetivos, foram considerados apenas estudos realizados a partir do discurso e/ou participação da mãe ouvinte, cuja presença está também enunciada no título. Bem como, abordam a temática das questões relacionadas ao campo da linguagem, língua e/ou comunicação entre mãe ouvinte e filho/a surdo/a e que foram publicados entre os anos de 2000 a 2024, para abranger o período entre o surgimento das legislações que atendiam direta ou indiretamente as pessoas surdas e o período de realização do atual estudo. Assim, foram utilizados os descritores “mães ouvintes”, “mãe ouvinte” e “Libras” entre aspas, visando uma correlação direta com o sujeito, junto ao recorte temporal supramencionado, somados ao uso dos booleanos AND e OR entre os descritores em caixa alta, em ambas as plataformas.

Para análise dos trabalhos resultantes dessa pesquisa, cujo aprofundamento tem como foco o lugar da mãe, se realiza interlocuções com os constructos de Bakhtin eu-para-mim, eu-para-o-outro e o outro-para-mim, compreendidos a partir da perspectiva de uma correlação de construção onde a presença singular do eu, é balizado pela presença no mundo do outro. Nesse processo é observado os meios escolhidos para acessar as falas das mães, considerando o seu lugar de sujeito ativo e participante na vida do filho/a surdo/a.

Embora o cenário de existência de uma língua sinalizada institucionalmente, disponível para uso na comunidade brasileira, não consta com efetividade de políticas para o seu acesso

pela família ouvinte, é observado em alguns estudos, como os de Guarinello e Lacerda (2007) e Silva (2008), que as mães são as principais envolvidas no processo de acompanhamento do/a filho/a surdo/a para aprendizagem da língua no decorrer da vida. Essa é a perspectiva que orienta as escolhas e fundamenta o interesse pelas vivências dessas mulheres no presente estudo.

CONTEXTOS DAS MÃES OUVINTES DE FILHO/A SURDO/A: CAMINHOS ESCOLHIDOS

Diante dos estudos selecionados que constam a presença das mães ouvinte e da Libras, parte-se da proposição de que eles refletem perspectivas sobre ambos os temas, as nuances do contexto das mães ouvintes e filho/a surdo/a e as principais questões que emergem dessa relação quanto ao contexto linguístico, de modo que os discursos apresentados nas pesquisas, revelam sobre alguns processos vivenciados na maternidade ouvinte. Nesse ínterim, torna-se importante também observar os modos possíveis aos pesquisadores para apreender e registrar os relatos das mães. À vista disso, no quadro 1, a seguir, dispõem-se informações sobre as oito (08) pesquisas encontradas, como indicação das plataformas em que estão disponíveis os estudos, a autora que o construiu, o ano de publicação, a metodologia adotada, os instrumentos utilizados e o tipo de trabalho de pesquisa, se uma dissertação (D) ou uma tese (T).

Quadro 1 – Trabalhos *stricto sensu* selecionados entre os anos de 2000 a 2024.

Código e base	Autora	Título	Ano	Metodologia para coletar dados	Instrumentos de pesquisa
(T1) Capes e BDTD	Tereza Ribeiro de Freitas Rossi	Brincar: uma opção para interação entre mãe ouvinte/filho surdo	2000	Oficinas com brinquedos para realização de brincadeira entre mães ouvintes-filhas surdas num centro de pesquisa e reabilitação.	Filmagens com gravação de vídeo dos momentos de interação.
(T2) Capes e BDTD	Angélica Bronzatto de Paiva e Silva	Aspectos psicossociais da surdez: A representação social de mães ouvintes	2006	Entrevista com mães ouvintes e observação participante com as crianças surdas.	Gravação de áudio das entrevistas.
(D1) Capes e BDTD	Melissa França de Souza Batista	Ser mãe ouvinte de filho surdo: a construção de identidade na narrativa de mães de crianças surdas	2006	Observação participante nos Grupos de orientação, apoio e ajuda mútua de uma instituição.	Filmagem e gravação de áudio.

(D2) Capes e BDTD	Maria Carolina Casati Digiampietri	Narrativas de mães ouvintes de crianças surdas: oralidade, metáfora e poesia	2009	Entrevista narrativa com as participantes.	Gravação de áudio das entrevistas
(T3) Capes	Lavinia Wanderley Pinto Brandão	A fala materna dirigida ao bebê surdo implantado: entre o ouvinte suposto e o aprendiz de ouvinte	2010	Filmagem do dia a dia da mãe e do bebê surdo em situações de banho, alimentação e brincadeira livre.	Filmagem e gravação de momentos da rotina.
(D3) BDTD	Carine Martins Barcellos	Língua e linguagem no diálogo mãe ouvinte- filho surdo	2011	Realização de entrevista semiestruturada no ambiente familiar e filmagem de 3 situações de brincadeiras lúdicas com brinquedos representativos.	Gravação da entrevista e filmagem de situações comunicativas.
(D4) BDTD	Maísa Kich Grecco	Contingências facilitadoras de comportamento verbal em crianças usuárias de implante coclear e práticas parentais: uma intervenção com mães	2016	Realização de encontros com as mães para aplicação do questionário semiestruturado e levantamento dos reforçadores das crianças e encontros formativos com as mães e de estimulação entre a criança surda, a pesquisadora e a mãe ouvinte com o programa de operantes verbais.	Roteiro Semiestruturado de Sondagem de Comportamento Verbal via Relato de Pais, Levantamento de Reforçadores, Escala Columbia de Maturidade Intelectual, Peabody Picture Vocabulary Test (PPVT) e vídeos do youtube.
(D5) BDTD	Mariana de Freitas Pereira Pederro	Interação mãe- bebê com suspeita de deficiência auditiva e indicadores da saúde emocional materna: comparação com díade mãe- bebê ouvinte	2018	Entrevista com as mães e encontros para aplicação dos testes em uma clínica de saúde auditiva e em um Centro de Psicologia Aplicada.	Sistema de Codificação da Interação Mãe Criança Revisado (CITMI-R), Escala de Estresse Percebido (PSS), Inventário de Ansiedade Traço-Estado (IDATE), Inventário de Depressão Beck (BDI).

Fonte: elaborado pelas autoras (2024).

A pesquisa de Rossi (2000) – (T1) tem como objetivo descrever e discutir as maneiras pelas quais a díade mãe ouvinte/filha surda constroem a dinâmica do brincar. O estudo teve duração de um ano e cinco meses e foi realizado a partir dos encontros lúdicos, entre mães ouvintes e filhas surdas, orientados por brinquedos. A autora analisou os processos de organização, de motivação, de compreensão e da comunicação entre a díade durante o ato de brincar bem como, as regras e os modos de utilização do brinquedo. A partir desses aspectos conclui que “as mães ao brincarem com suas filhas, proporcionam a aquisição de novos conhecimentos de forma agradável” (Rossi, 2000, p. 126) estimulando o desenvolvimento de diferentes habilidades comunicativas e sociais seja pelo uso dos sinais ou da fala, sem preterimento de um único modo comunicativo.

Coopera com a ampliação dessa abordagem quanto aos possíveis vieses desse duplo modo comunicacional, o estudo de Barcellos (2011) – (D3) ao analisar as possibilidades de diálogo entre mãe ouvinte/ filho-surdo em situação monolíngue em Português Brasileiro e bilíngue (Português - PB e Língua Brasileira de Sinais - Libras), o discurso materno para com a surdez e a relação desses com a escolha da proposta terapêutica educacional. Esse estudo, que também utiliza do brincar como cenário para construção de material, juntamente a filmagem e gravação de entrevista, aponta que existem duas principais compreensões em torno da língua, algumas mães têm dificuldades de aceitar a Libras como meio que possibilitará uma participação social plena aos filhos, tendo como foco que este aprenda a língua oral, disponibilizando os espaços formativos que o/a auxilie nessa aquisição, enquanto outras participantes do estudo, compreendem a necessidade de aprendizagem de duas línguas PB e Libras. A análise sobre a importância do brincar considerada nesses estudos dialogam com os apontamentos de Goldfeld (2002), ao tratar em sua obra sobre a aquisição da linguagem e cognição por crianças surdas a partir da abordagem sociointeracionista, no que afirma:

As brincadeiras, como todas as atividades da criança, são influenciadas pelo meio exterior: os objetos, outras crianças e também os adultos. As crianças sofrem diversas mudanças no decorrer do desenvolvimento infantil, e a língua, desde o início de seu desenvolvimento, é um importante instrumento utilizado em seu processo. No início, a brincadeira antecede a fala, e no decorrer do desenvolvimento a situação se inverte, passando a fala a organizar e planejar a brincadeira (Goldfeld, 2002, p. 75).

Rossi (2000) – (T1) aponta que o interesse pelo brincar das crianças participantes, estava mais centrado na ação que no objeto utilizado, logo, eram mais requisitados por elas a interação com a pessoa participante da atividade, seja a mãe ou a pesquisadora, que os brinquedos organizados para as sessões. Barcellos (2011) – (D3) a partir dos momentos de trocas sociais e

de ludicidade, afirma que foi constatada, durante o período, uma crescente de desenvolvimento e aquisições de diferentes conhecimentos por meio da comunicação bilíngue. Reflete-se que o contato e a promoção desses momentos de brincadeiras são importantes para a criança surda desenvolver essa dupla organização apontada por Goldfeld, em que inicialmente o brincar promove meios para aquisição linguística e com o tempo, passa a ser organizado pela comunicação.

Para além dessas questões, as pesquisas também constataam que a compreensão sobre a surdez adquirida pelas mães, orienta ativamente os processos educacionais e a língua que será priorizada para a comunicação com o/a filho/a surdo/a. Aspecto especificado na pesquisa de Silva (2006) – (T2) ao analisar a relação entre a representação social da surdez por mães ouvintes e o desenvolvimento psicossocial de seus filhos surdos, via a abordagem sobre o diagnóstico, a concepção de surdez e o desenvolvimento da linguagem, expressadas nas entrevistas. A autora aponta que a surdez pelas mães pode ser vista como deficiência na qual o filho precisa ser tratado, mas, também como uma diferença no qual o principal demarcador é a língua.

A autora salienta que as entrevistadas compreendem a pessoas surda a partir do engajamento da família em sua aprendizagem, assim “não dá para generalizar e dizer como são as pessoas surdas, por existir a individualidade, a subjetividade de cada sujeito, e, principalmente, cada pessoa tem uma família diferente” (Silva, 2006, p. 141) demarcando a importância desse núcleo para o desenvolvimento linguístico, mesmo com as intervenções educacionais e clínicas. À vista disso, as pesquisas de Brandão (2010) – (T3) e Grecco (2016) – (D4) refletem sobre a interferência desse contato, refletindo exclusivamente sobre a interação da mãe com filho/a surdo/a em relação ao processo de aquisição da oralidade, por crianças que fizeram implante coclear ou utilizam prótese auditiva.

Brandão (2010) – (T3) aborda a influência da fala materna antes e após a protetização, analisando situações de comunicação, o face à face, a atenção conjunta e a fala atribuída pela mãe à criança. Por meio de um estudo longitudinal de três anos, concluiu que nos primeiros períodos de vida o bebê tem maior troca afetivo-emocional com a mãe, ela desde essa etapa, adaptou sua comunicação diminuindo o ritmo da fala, usando frases curtas e simples com tom de voz elevado somando a linguagem não verbal, aspectos que sofrem alterações com o passar do tempo, após o uso da prótese e a compreensão da capacidade de escuta pelo filho. Esse processo de transição foi permeado por sentimentos como estresse, ansiedade, expectativa e criação de estratégias.

Grecco (2016) – (D4) a partir de contexto semelhante, utiliza desse contato contínuo para investigar sobre a ampliação do repertório comportamental de ensino de operantes verbais, por meio de um programa instrucional desenvolvido para contribuir nas aquisições da fala, visando verificar se este programa aumentou a frequência de emissão dos operantes pelas pessoas surdas, considerando a qualidade da produção oral. A pesquisa se constitui de um processo formativo com as mães, utilizando do vídeo para modelação a fim dessas compreenderem como ocorreria a estimulação das categorias de linguagem e constituição de reforçadores para os momentos de intervenção com as crianças, bem como, aprender sobre comportamentos que influenciam negativamente, na oralização dos filhos surdos. As discussões propostas nesses estudos registram o perfil da participação ativa das mães junto ao filho/a surdo/a, em razão desta está sempre envolvida em processos de cuidado e formação.

Nesse sentido, suas falas possuem identidades discursivas, objeto de análise de Batista (2006) – (D1), que utiliza a observação nos grupos de orientação terapêutica e apoio às famílias para observar as narrativas de mães ouvintes de crianças surdas cujos filhos usam aparelho auditivo. A autora elenca quatro categorias de análise, a primeira é o enquadre da conversa que define se esta é informal, instrucional, terapêutica ou uma brincadeira, a segunda é a transitividade relacionada ao lugar em que está localizado a mãe e o filho surdo na narrativa, seja de narrador e/ou participante relatado. Outras categorias são, alinhamento e piso conversacional, observadas a partir da negociação colaborativa nos momentos de diálogos, explicação de conceitos, abordagem de sentimentos e percepções sobre questões que permeiam a realidade como violência e sexualidade.

Por esse estudo, nota-se uma constante dicotomia na ação e na narrativa das mães, relacionadas a como projetam socialmente, elas mesmas e o/a filho/a. Assim, as mães podem construir a si e aos seus filhos discursivamente de forma distinta e o enquadre da orientação dado pelos profissionais que estas têm contato, exercem sobre elas forte influência. Conclui que as mães podem se projetar como mulheres ativas e capazes de dispensar cuidados, mas também “como inseguras e angustiadas. Ora projetam os filhos discursivamente, como falantes e capazes, ora como atrasados, deixando-se dominar pelo estigma da surdez e denunciando a não aceitação da surdez do filho” (Batista, 2006, p. 102) ressaltando a constante preocupação com o desenvolvimento e a capacidade de inserção e convivência social do/a surdo/a numa sociedade de maioria ouvinte.

As narrativas também foram o foco do estudo promovido pela autora Digiampietri (2009) – (D2) que versa a partir de metáforas e poesias, como as mães ouvintes estruturam e

atribuem significado a experiência de criar um filho surdo. Utilizando da gravação das entrevistas para demarcar os temas comuns a todas as falas, afirma que as mães conceitualizam a surdez como uma barreira, que provoca uma falta de comunicação e não uma falta de audição, de modo que, quando os filhos se comunicam pela Libras ou quando verbalizam eles avançam em uma condição que não é permanente, pois os filhos não são incapazes de se comunicar. Produzindo, como analisado, unidades entoacionais, repetições, unidades de força e refrãos, aspectos estruturais do estudo com a poesia, como descritores dos processos vivenciados nessa maternidade repleta de transformações positivas, à medida que o/a surdo/a adquire modos de comunicação.

Nesse sentido, as análises que tem como base, diádes que visam a aquisição da oralidade pelo/a surdo/a, realizam interlocuções quanto a abordagem do conflito entre as perspectivas de surdez e a compreensão de como essa pode influenciar na comunicação de pessoas surdas. Sobre essas questões a autora Audrei Gesser, estudiosa do processo de aquisição linguística afirma:

Não é a surdez que compromete o desenvolvimento do surdo, e sim a falta de acesso a uma língua. A ausência dela tem consequências gravíssimas: tornar o indivíduo solitário, além de comprometer o desenvolvimento de suas capacidades mentais. Através da língua nos constituímos plenamente como seres humanos, comunicamos com nosso semelhantes, construímos nossas identidades e subjetividades, adquirimos e partilhamos informações que nos possibilitam compreender o mundo que nos cerca (Gesser, 2009, p. 76).

Dessa forma, os encargos relacionados a aprendizagem de uma língua por pessoas surdas e a responsabilidade atribuída às mães ouvintes por essa ser o par interativo mais constante desse indivíduo, acentua-se à medida que notamos as minúcias dessa escolha. Configura-se não apenas como a decisão sobre um modo comunicativo mais assertivo, a ser ensinado e priorizado na relação, mas também sobre um decidir que determinará o modo de existência de um indivíduo e os meios para sua participação social. Logo, é optar conscientemente, por algumas vivências em detrimento de outras, que induzirá o cenário de construção da individualidade de um sujeito. Essa maternidade composta por sobressaltos entre percepções, como afirma Batista (2006) – (D1) é resultado de uma preocupação sensata diante da importância do processo que é a escolha de uma língua.

Observa-se pelos discursos produzidos pelas mães que essa vivência marcante, provoca repercussões sociais e emocionais também na vida dessas mulheres, análise que tem espaço no estudo de Silva (2006) – (T2) ao tratar sobre o desenvolvimento psicossocial e os sentimentos

maternos em torno do diagnóstico e também na pesquisa de Digiampietri (2009) – (D2) que reflete sobre essa vivência e de como as mães se enxergam enquanto sujeitos desse processo. A autora Pederro (2018) – (D5) utilizando de alguns encontros com as mães e da aplicação de testes para tratar de aspectos emocionais realiza uma descrição detalhada e comparativa sobre a interação de mães ouvintes e bebês com suspeita de deficiência auditiva e de mães e bebês ouvintes, associando com indicadores emocionais maternos.

Essa pesquisa, por meio de questionários semiestruturados, respondido por 25 mães de bebês com suspeita de deficiência auditiva e 25 mães de bebês ouvintes, conclui que existem diferenças significativas entre os indicativos das mães. Afirma que os bebês com deficiência auditiva apresentam menos comportamentos positivos e neutros, ou seja, de resposta e mais comportamentos não responsivos, enquanto suas mães apresentaram mais indicadores clínicos para depressão e ansiedade. Pederro salienta que mesmo os dados não significando uma regra, eles reforçam um indicativo que precisa ser considerado, sugerindo que o período do diagnóstico seja observado por pesquisas sistemáticas, com apoio a saúde emocional das mães, por meio de intervenções terapêuticas.

Isto posto, observamos as razões pelas quais em todos os estudos apresentados, o cerne do diálogo é o desenvolvimento comunicacional do surdo/a, seja por línguas de sinais ou pela oralização, compartilhado pela mãe ouvinte por diferentes modos de análise. A partir desse levantamento, constata-se que as escolhas metodológicas nos estudos privilegiam dois tipos principais de instrumentos para coleta de dados, a filmagem e a gravação de voz durante o exercício de múltiplos contatos com a mãe ouvinte e o/a filho/a surdo/a. Nesse sentido, as pesquisas que optaram pela filmagem como meio de acesso e compreensão da dinâmica entre esses, constituíram como modo de realizá-la a abordagem da rotina da díade através do contexto das atividades cotidianas e em segunda instância, pelo desenvolvimento de encontros com atividades interativas como a realização de brincadeiras e processos de formação e orientação.

Pederro (2018) – (D5) em seu estudo, embora não a utilize, afirma que outros pesquisadores “justificam a utilização da filmagem como um meio de contato com as trocas interativas e a descrição detalhada do contexto” (Pederro, 2018, p. 54), colaborando na ideia de que essa metodologia possibilita maior capilaridade da troca realizada entre os participantes da pesquisa e mais elementos de análise para o/a pesquisador/a. Contudo, dos oito trabalhos encontrados, seis deles realizam a gravação de voz como meio principal ou secundário para coleta, posto a possibilidade deste ser um instrumento mais discreto e aceitável pelos

pesquisados, diante da possibilidade de constrangimento pelas questões que serão tratadas durante a entrevista.

Soma-se a esses modos de pesquisa, a aplicação de testes ou questionários estruturados, presentes nas produções de Grecco (2016) – (D4) e Pederro (2018) – (D5). Esses métodos são tidos como instrumentos mais usuais (Gil, 2010, p. 102) para realização de pesquisas, pois, se configuram como meios mais rápidos de produção de informações, que garantem maior anonimato do respondente. Esses processos suscitam a reflexão sobre a relação de contato entre pesquisador e sujeitos participantes, pois, para os últimos terem confiança de relatar sobre suas vidas, precisam ter por base para além de confiança no sigilo das informações, também modos de produzir o seu discurso de maneira confortável. Nesse sentido, Gil afirma:

As perguntas referentes a sentimentos, crenças, padrões de ação, bem como as razões conscientes que os determinam, são mais difíceis de serem respondidas adequadamente. Isso exige esforços redobrados na elaboração do instrumento e, sobretudo, na análise e interpretação dos dados (Gil, 2010, p. 103).

Logo, é necessário que se perceba fundamental na organização desses modos de produção, seja pela filmagem, gravação de voz ou aplicação de questionários, métodos e instrumentos que possibilitem maior número de dados para análise e, em contrapartida, viabilize o cuidado e a atenção ao participante do estudo, nesse caso, a mãe ouvinte que se apresenta diante da própria vivência para relatá-la. É imperativo ao pesquisador se colocar como sujeito que interage, embora permaneça no seu lugar de observador do processo, como afirma Bakhtin, ocupando esse lugar único de existência, entendendo que ao ouvir transforma sendo transformado, na relação de contato com as falas produzidas por esse outro que é a mãe ouvinte, para conjuntamente, constituírem a relação de troca que produz um discurso, dado para realização da pesquisa.

Em suma, pode-se afirmar que, para a produção de estudos com esse público, são necessários o contato e o envolvimento que considera o contexto e o sujeito que produz as falas. Para as mães ouvintes compartilharem suas vivências, suas dificuldades e as suas conquistas construídas junto ao filho/a surdo/a em momentos de estranhamento, novidade e aprendizagem. Logo, mais que perguntas pontuais, é preciso também de afeto relacional, processos que envolvem, junto às práticas eficientes e técnicas de coletas de dados, um encontro de diálogos que descortinam o outro e possibilita que este seja ouvido em todas as nuances de sua própria trajetória.

A MÃE COMO SUJEITO PRODUTOR DE DISCURSO: ANÁLISE A PARTIR DOS ESTUDOS

Todos os sujeitos partícipes de uma sociedade no processo de interação, são produtores de discurso. Bakhtin e o Círculo, propõe que no processo dialógico diante das circunstâncias específicas, nota-se transformações do sujeito e também das suas enunciações. Assim, a cada nova fase da vida dessas mães, diante de situações similares ou ainda em situações distintas, outras formas desse mesmo indivíduo surge e nova maneira de ser e enunciar sobre suas vivências também reacendem.

As concepções se transformam e as proposições criam outros rumos a cada mudança dos interlocutores e das condições concretas de existência do discurso, dessa forma, a apresentação dessas mães diante da vida do/a filho/a, do ser mãe ouvinte e de como se realiza e se coloca na maternidade, também são experiências que se apresentam reestruturadas a cada oportunidade de organização enunciativa no suceder da existência dessas pessoas diante do contexto da comunidade surda. As dimensões analíticas são pautadas pelos autores/as das pesquisas, no decorrer das temáticas que escolhem discutir sobre os princípios que se relacionam e atravessam os estudos sobre determinado público ou área, ainda que estas pesquisas sejam construídas a partir de metodologias, fundamentações e contextos históricos sociais distintos. Assim, para além de conceitos específicos, está a observação de aspectos que permeiam as diferentes vivências e são a cada grupo de mães estudados, propostos e enunciados com características que retomam aos seus interlocutores.

Os estudos de Eça e Nunes (2022) salientam a importância de no levantamento de estudos, tratar sobre “as dimensões para análise, pois um estado do conhecimento, não deve restringir-se apenas na identificação da produção acadêmica ou na divulgação de ideias, mas sim, na análise e categorização que revelam tendências” (Eça; Nunes, 2022, p. 131). Isto de forma a captar pelos aspectos recorrentemente observados aqueles desenvolvidos brevemente e/ou pouco versados, as lacunas e as possibilidades de avanços nesse campo de estudo. Segundo Mazzotti:

Esse esforço de elaboração teórica é essencial, pois o quadro de referencial clarifica o racional da pesquisa, orienta a definição de categorias e constructos relevantes e dá suporte às relações antecipadas nas hipóteses, além de constituir o principal instrumento para a interpretação dos dados da pesquisa (Mazzotti, 2012, p. 47).

Nesse sentido, a autora reafirma a necessidade de observar nos textos os respaldos teóricos, as temáticas e as definições tratadas com maior ou menor intensidade, por meio desses

saberes que a pesquisa em construção encontra o direcionamento para somar ao campo de estudo. À vista disso, esse trabalho aponta algumas dimensões analíticas em torno dos estudos com mães ouvintes e filhos/as surdos/as analisados, conjuntamente, aos constructos de Bakhtin e seu Círculo, que possibilitam observar o lugar ocupado por ambos os sujeitos que constituem essa díade e os atravessamentos do seu contexto relacional. Bakhtin estabelece compreensões correlacionando o conceito de arquitetônica do mundo, estabelecida por ele, como uma estrutura que possui “caráter dinâmico e suscetível de renovação, além de singular e irrepetível”, concebendo-o como evento (Bakhtin, 2010, p. 12), configurando se como um existir único. Essa visão é salientada na seguinte afirmação:

Cada eu, ocupa o centro de uma arquitetônica na qual o outro entra inevitavelmente em jogo nas interações dos três momentos essenciais de tal arquitetônica, e portanto do eu, segundo a qual se constituem e se dispõem todos os valores, os significados e as relações espaço temporais. Esses são todos caracterizados em termos de alteridade: eu-para-mim, eu-para-o-outro, e o outro-para-mim (Bakhtin, 2010, p. 19).

Esses constructos que tem como cerne a relação de alteridade humana com o outro e destes com o mundo existente, possibilita dialogá-los com os estudos sobre mães ouvintes e filhos/a surdo/a, ao passo que eles são estabelecidos pela relação mediada, ou seja, pela interação dos sujeitos com as circunstâncias e condições de existência. Assim, pode-se afirmar que o surdo é surdo, à medida que humanamente existe atravessado pela surdez, é estabelecido e/ou o estabelecem nesse lugar e a mãe ouvinte se constitui, na mesma proporção em que verifica essa singularidade com esse novo ser, que se torna presente em sua vida. É um processo constituído pela arquitetônica de uma vivência social da qual ambos fazem parte.

A conjuntura dessa arquitetônica, entendida também na totalidade integrada, no qual as significações do que é surdez, de como essa diferença é vista socialmente e das questões da maternidade diante da soma dessas circunstância se apresentam materialmente nas vivências, constituindo assim os significados em torno, principalmente, do sentido do que é o eu – a mãe ouvinte – e do que é estabelecido como o outro. Dessa forma, é definido como eu, essa realidade única no mundo do meu próprio lugar de existência, essa possibilidade de ser que não cede espaço para ser exercido por outra pessoa, senão aquela presente nessa realidade específica, senão eu mesmo, em uma particularidade mediada pelo contexto social, político e ideológico, mas, que existe sem álibi, ou seja, sem existência de fenda para coexistir fora desse lugar.

O eu-para-mim constitui o centro da origem do ato e da atividade de afirmação e de reconhecimento de cada valor, já que este é o ponto singular no qual eu responsabilmente participo no existir singular [...] já que somente do meu lugar único

eu posso e devo ser ativo. A minha comprovada participação no existir é não somente passiva (o prazer da existência), mas sobretudo ativa (o dever de ocupar efetivamente o meu lugar único) (Bakhtin, 2010, p. 119).

Esse local de existência única e singular, denominado como eu-para-mim, será definido como espaço da mãe ouvinte, elencada aqui como voz principal do estudo. Essa mãe, existe em uma realidade concreta pela qual observa o/a filho/a surdo/a, vive com ele e a partir dele constrói sua identidade materna, diante de uma surdez que não é sua, mas passa a pertencer e existir para si, conforme sua existência no mundo está imbricada pela vivência dessa realidade, correlacionado ao constructo de outro, que retrata desse lugar de coexistência distinta, explicada pelo autor.

Um mesmo objeto, idêntico por conteúdo, é um momento por existir que apresenta um aspecto valorativo diferente, quando relacionado comigo ou com o outro; e o mundo inteiro, conteudisticamente uno, correlacionado comigo e com o outro, é permeado de um tom emotivo-volitivo diferente, é dotado, no seu sentido mais vivo e mais essencial, de uma validade diferente sobre o plano do valor (Bakhtin, 2010, p. 138).

Nesse sentido, afirma-se que a vivência da surdez é disposta tanto para a mãe quanto para o filho/a, contudo ela é percebida e significada de maneira singular pelos sujeitos, do mesmo modo que as diferentes diádes, embora existindo em contextos similares, a vivenciaram também de modo diferente. Cada mãe ouvinte e cada filho/a surdo/a apreende essa realidade a partir da própria existência desse evento único e irrepetível entre eu e o outro, no qual cada um deles se localizam no mundo.

O presente estudo, estabelece o/a filho/a surdo/a, como o/a ocupante do lugar do outro, não como o excluído do processo, o desvio da regra, mas como essa outra parte da mãe ouvinte que a constitui nesse processo discursivo. O outro, a partir de Bakhtin, definido como o balizador das ações do eu, desse lugar de par interativo por meio do qual possibilita a existência de um ser, uma mãe ouvinte de um/a filho/a surdo/a, logo é esse outro que constitui uma parte da experiência de ser mãe de um filho/a surdo/a. Porquanto, o autor ao definir esses três lugares da arquitetônica, eu-para-mim, eu-para-o-outro, e o-outro-para-mim, afirma que o dever concreto desse “evento único do existir” (Bakhtin, 2010, p. 139) é estabelecido anteriormente, pela presença do eu e do outro, logo são co dependentes na construção de uma dada realidade.

O OUTRO PARA MIM: COMPREENSÕES SOBRE SURDEZ, LINGUAGEM E INTERAÇÃO

Argumentar em torno das dimensões analíticas que atravessam o estudo sobre mãe ouvinte e filho/a surdo/a compreende notar as concepções que produzem as abordagens presentes nas pesquisas selecionadas. As perspectivas das mães em torno desse aspecto estudado nas pesquisas são orientadas a partir da visão dela, ouvinte, sobre a surdez do/a filho/a, bem como das influências dessa característica sobre a vivência entre eles no contexto social de que fazem parte. Bakhtin explica que numa relação o sujeito “recebes do outro e nos tons do outro e para que não existe o próprio tom. Natureza dialógica da consciência” (Bakhtin, 2011, p. 348); logo, por existir entre mãe e filho/a uma relação de contato e troca, é possível essa observação, esse processo no qual é olhando para o outro, o/a filho/a, e para si mesmas, que as mães constroem as concepções que orientam suas práticas e sua compreensão do mundo e torna-se os apontamentos nas pesquisas.

Diante disso, ressalta-se que a surdez pode ser uma experiência pensada a partir de dois discursos principais socialmente estabelecidos, que definirão também a compreensão de linguagem e interação. Esse processo, como supramencionado, sofre fortes influências da decisão materna, direcionado pelos contatos e orientações com os quais ela teve contato no decorrer do diagnóstico e inserção do/a filho/a no ambiente escolar. A autora Gesser explica:

O discurso médico tem muito mais força e prestígio do que o discurso da diversidade, do reconhecimento linguístico e cultural das minorias surdas. A surdez é construída sobre a perspectiva do déficit, da falta, da anormalidade. O ‘normal’ é ouvir, e o que diverge deste padrão deve ser corrigido, ‘normalizado’ (Gesser, 2009, p. 67).

Diante dessa percepção, tem-se que a linguagem a ser preterida no contexto comunicativo é a oral, logo, cabe para alcance desse processo a implementação de intervenções médicas, como o implante coclear, o uso de prótese auditiva e o treino para aprendizagem da oralidade pelo surdo. Quanto a interação, essa se estabelecerá e será considerada profícua à medida que o surdo alcança maior capacidade de produção da fala em diferentes contextos, de maneira compreensível pelos participantes do diálogo.

O trabalho de Grecco (2016) – (D4), ao tratar do ensino dos operantes verbais para as mães, afirma que falante é aquele que emite comportamento verbal e que cabe ao par interativo, o ouvinte, reforçar o seu uso para o surdo adentrar a comunidade da fala. Sobre a mesma lógica se encontra também o estudo de Batista (2006) – (D1) e Brandão (2010) – (T3), na qual na primeira é observado nas narrativas maternas a não enunciação do surdo/a como sujeitos falantes e idôneos, por esses emitir poucas vocalizações, enquanto por conseguinte ao apresentar o processo transicional antes e depois do implante, a autora Brandão relata as

mudanças comportamentais intensas no agir materno visando esse aperfeiçoamento do aprendiz de ouvinte.

Por outro viés, existe a compreensão também apontada por Gesser (2009) que assinala que os surdos “tem características culturais que marcam seu jeito de ver e se relacionar com o mundo, e a cultura do povo surdo é visual, ela traduz-se de forma visual” (Gesser, 2009, p. 54) também a partir da aquisição de uma língua, no Brasil a Libras, que considera suas características e especificidades, uma abordagem cuja linguagem e interação será definida pela possibilidade do surdo compartilhar sobre si, de forma autônoma, por meio de sinais. A autora Rossi (2000) – (T1) em seu estudo, apresenta que a comunicação notada no processo com famílias bilíngues era fluído e compreensível pela diáde, pois as crianças usavam, sistematicamente, os sinais, e as mães, os sinais e a fala.

Esses modos de encarar a surdez fundamenta “o discurso da maioria das mães, a insegurança, a incerteza, os medos, os receios em relação à surdez do filho no que diz respeito à educação, à aprendizagem, à linguagem e à inclusão social” (Silva, 2006, p. 253) sendo a base para a dicotomia que perpassa ambos os estudos, pois a concepção “concebe fala com o sentido de produção vocal sonora. A verdade é que o surdo fala em sua língua de sinais. É necessário, entretanto, expandir o conceito que temos de línguas” (Gesser, 2009, p. 55); uma compreensão que possibilita a consideração da diversidade e avanço a outros processos de aquisição necessários na maternidade ouvinte, quando opta pela escolha do uso de uma língua sinalizada exclusiva ou conjuntamente, a língua oral.

Diante dos dados apresentados pela autora Barcellos (2011) – (D3), em sua pesquisa é constatado que a situação de comunicação bilíngue é mais proveitosa para o desenvolvimento da criança surda, nesse caso, a autora considera que uma formação que prioriza a língua materna do surdo/a como sendo a língua de sinais e o uso da língua do país, o português apenas na modalidade escrita é a melhor maneira de propiciar conhecimentos linguísticos diante do cenário da surdez. Contudo, observa-se que diante das falas registradas pela pesquisadora, na visão das mães existe uma preferência para a educação via a oralização, inclusive um desejo para que o/a surdo/a realize a distinção para utilizar sinais com surdos e português oral com os ouvintes, ressaltando a persistência da dicotomia entre os padrões definidos como normalidade e anormalidade.

EU PARA MIM E EU PARA O OUTRO: PERCEPÇÃO DAS MÃES OUVINTES SOBRE A VIVÊNCIA DA MATERNIDADE NA SURDEZ

A mãe, ao entender-se nesse lugar de mãe ouvinte de filho/a surdo/a, passa a constituir as suas enunciações, suas práticas, suas percepções, desafios, demandas e conquista refletindo sobre questões desse campo da surdez, embora não seja uma pessoa surda, bem como tem suas experiências atravessadas e tocadas pelas definições sociais e políticas que circundam a vida daqueles e daquelas que são. A mãe não seria mãe ouvinte se sua maternidade não se fizesse pela presença do/a filho/a surdo/a, portanto seu lugar de discurso pode ser explicado por Bakhtin, quando este afirma “eu tomo consciência de mim através do outro, as palavras do outro influencia minha consciência” (Bakhtin, 2011, p. 341), pois a mãe tem, pela observação do filho/a surdo/a, ações e modos de entendimento sobre a vida e o mundo que advém de um espaço complementar da sua existência, o outro que está diante de si, o filho/a surdo/a.

A maternidade com a surdez é permeada pelos sentimentos que afloram ao passo que os avanços e aquisições do/a filho/a são observados pela mãe, acompanhados pelo constante sentimento de medo e inseguranças sobre as práticas e estratégias a serem priorizadas no contato. A compreensão trazida na pesquisa por Batista ao relatar “o papel da mãe implica na preocupação continuada e no compromisso com o que é melhor para o filho” (Batista, 2006, p. 103) informa desse lugar na qual a partir da presença do diagnóstico da surdez, a mãe não age por si só, mas pensando e produzindo ações que influencie positivamente na vida desse outro que é o/a filho/a surdo/a, numa vivência cuja,

Para minha consciência ativa e participante, esse mundo, como um todo arquitetônico, é disposto em torno de mim como único centro de realização do meu ato; tenho a ver com este meu mundo a medida em que eu mesmo me realizo em minha ação-visão, ação-pensamento, ação-fazer prático (Bakhtin, 2010, p. 114).

Em torno da mãe, está a responsabilidade de decisão diante das circunstâncias geradas pela surdez, de modo que, na maioria dos casos, cabe a ela a implementação dessa interlocução entre ação, pensamento e prática para cuidar, acompanhar nas consultas, nas intervenções e na escola, além de auxiliar no processo de aprendizagem linguística e de ensino dos valores sociais. A existência única da mãe, passa a ser localizada na vivência do/a filho/a surdo/a, por ambos estarem imbuídos na mesma objetividade de realização, a aquisição de uma língua para comunicarem-se, a convivência social plena e o alcance de uma vida independente. Embora a presença nessa realidade seja distinta, pois apenas o/a filho/a não possui a audição, as ações em torno dessa existência parte de ambos os lugares.

Em Brandão (2010) – (T3), a autora afirma que as mães apresentam ansiedade por respostas do/a filho/a e dificuldades em criar estratégias para chamar a atenção espontânea

desses durante a estimulação. Um cenário que, embora se apresente comum nos oito estudos, ainda possui nuances de um processo que é individual, e que em cada relação se dará a partir dos contextos específicos, sem generalizações. As mães, com bases nessas pesquisas, permanecem por um período, enredadas na perspectiva da dificuldade de comunicação e acesso aos espaços orientadores, da tristeza pela superação de um luto, no qual precisa desprender-se do filho esperado e aceitar esse que com ela se encontra e por fé, que se configura como o sentimento que as concede força e ânimo para persistirem em busca de adaptações para uma vida melhor tanto para o filho/a quanto para elas.

Por conseguinte, o alcance de expectativas melhores está diretamente relacionada à aquisição de um modo comunicativo pelo/a filho/a surdo/a. Na pesquisa de Digiampietri (2009) – (D2), as mães afirmam que a problemática da surdez se encontra exatamente nesse quesito, que muda totalmente de configuração à medida que o/a filho/a surdo/a aprende a sinalizar ou oralizar, transitando, a partir da visão delas, de uma condição permanente de falta, para uma existência menos difícil. A partir desse ponto de análise Silva ressalta:

a importância de modificar o sentido construído coletivamente sobre a surdez e sobre o indivíduo surdo, mas este é um processo interdependente (individual e coletivo), pois irradiar novas representações requer um compromisso de todos (Silva, 2006, p. 253).

Quando isso ocorre, há uma transformação da experiência de ambos os sujeitos presentes na relação. Faz-se necessário destacar, que persiste diante das pesquisas duas visões sobre a trajetória da mãe ouvinte de filho/a surdo/a, de que “a maternidade é uma estrada a ser percorrida e a surdez, uma barreira nesse percurso” (Digiampietri, 2009, p. 78) em decorrência da percepção que perdura na atualidade, de que a surdez é um déficit que precisa ser corrigido. Mas, também, essa compreensão de que a surdez não incapacita a pessoa de se comunicar, ao passo que ela possui todos os meios de se construírem como sujeitos participantes no mundo, desde que tenha acesso aos modos de fazê-lo.

Desse modo, Silva nota que as mães “assumem identidades discursivas enquanto se engajam nas várias atividades interacionais em curso, dinamicamente, conforme o alinhamento que assumem” (Silva, 2006, p. 78) para respaldar que a experiência desse eu, mãe ouvinte, será também definida pelos acessos e não acessos que ela alcançou ao longo da constituição de sua maternidade. À proporção que as pesquisadas possuem conhecimentos sobre a realidade vivenciadas por outras díades na surdez, acesso à comunidade que a compreende como

identidade e não como condição, essas mães assumem uma postura ativa, que refletem completamente na interação e na trajetória que constitui junto ao filho/a surdo/a.

Por fim, o relato das mães suscitam também como observar o desenvolvimento do/a filho/a surdo/a são causadores de sentimento de potência e superação, como apresentado em Digiampietri (2009) – (D2), que a mãe em uma carta para si mesma, aponta que venceu e que foi válido todo o investimento, bem como em Rossi (2000) – (T1), na qual a pesquisadora nota que mais importante de que o brinquedo escolhido, é a postura da mãe que junto a filha ao construir o brincar interativo. Diante desses resultados, as pesquisas apontam que a maternidade na surdez é repleta de preocupações, dificuldades e percalços, cujo acesso aos profissionais que orientarão a intervenção com o/a filho/surdo/a, definirá a perspectiva de surdez que a família e em especial a mãe assumirá, contribuindo também na escolha de como irá se deparar com a interação e a linguagem desse sujeito.

Conjuntamente a isso, também estará a vivência da construção de um eu, mãe ouvinte, e de outro, filho/a surdo/a que ocorrerá segundo ao pensamento, ação e prática de ambos. Um empreendimento que, segundo Bakhtin (2010, p.124), é um ato de amor exatamente pelo caráter específico das relações, pois “somente uma atenção amorosamente interessada, pode desenvolver uma força muito intensa para abraçar e manter a diversidade concreta do existir sem empobrecê-lo e sem esquematizá-lo”. Logo, só compreendendo este lugar único da mãe a partir da existência nele é possível constituir uma trajetória que suscite as reflexões aqui discutidas, bem como pensar os regozijos e contratempos possíveis desse lugar. Ser mãe ouvinte de filho/a surdo/a é ocupar um lugar concreto e insubstituível na estrutura de um mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa realiza-se como um estado do conhecimento, tendo por base as plataformas de trabalhos stricto sensu no Brasil. Foram escolhidos o Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES e a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD/IBICT a partir dos descritores “mães ouvintes”, “mãe ouvinte” e “Libras”, a fim de encontrar trabalhos que tenham constituído a pesquisa com esse público. Esse levantamento teve como resultado, a análise de oito estudos publicados dentro do recorte temporal, entre os anos de 2000 a 2024. A partir desses estudos, foram definidas algumas dimensões analíticas, a partir do conceito trabalhado por Eça e Nunes (2022) que as compreendem como uma produção para além de conceitos, mas também como abordagens que atravessam o campo de pesquisa. Nesse sentido a compreensão de surdez,

linguagem, interação e maternidade na surdez é notada como dicotômica, à medida que se constitui a partir dos acessos e não acessos vivenciados pelas mães, pela compreensão da surdez como déficit ou como diferença e diversidade passível de construção de identidade pelos profissionais orientadores e pelo processo de conquista da comunicação pelo/a filho/a surdo/a.

Desse modo, a maternidade na surdez é relatada pelas mães como um percurso cuja falta de audição é menos significativa que a falta de uma comunicação, configurando-se como barreira na interação entre mãe e filho/a e desses com a vivência social plena, portanto o contexto linguístico é pensando principalmente em relação ao filho/a surdo/a e em modos deste alcançar uma língua estruturada. Nesse cenário, algumas pesquisas, como a de Grecco (2016) – (D4), Batista (2006) – (D1) e Brandão (2010) – (T3), que atuam no estudo da abordagem da oralização, apresentam essa noção de forma mais incisiva. Enquanto Rossi (2000) – (T1), e Pederro (2018) – (D5), compreendem que a escolha do contato via a perspectiva bilíngue apresenta-se mais proveitosa.

Nesse conjunto de interlocuções e a partir do diálogo com os constructos de Bakhtin, o-outro-para-mim, eu-para-o-outro e eu-para-mim, fica evidente que no campo de pesquisa as mães ouvintes, estão presentes sempre para esse relato sobre o outro que é o filho/a surdo/a. Isso se dá seja para apresentar suas aprendizagens, sua vivência social ou suas necessidades linguísticas, como apresentado em seis das pesquisas cuja participante principal são as mães.

Os dois trabalhos que tem como foco o lugar da maternidade ouvinte, os estudos de Batista (2006) – (D1), e Pederro (2018) – (D5), corroboram para pensar esse lugar único de pouca visibilidade, na qual a identidade e a saúde emocional das mães também são transformados à medida que o/a filho/a recebe o diagnóstico e com eles, elas vivenciam os sentimentos de tristeza, insegurança, mas também de fé, para constituir como sujeito de ação, pensamento e prática (Bakhtin, 2010) diante da realidade que se apresenta.

Refletir sobre como a mãe ouvinte vivencia a maternidade na surdez, a criação de estratégias diante dessa vivência singular e a produção e/ou aprendizagem de uma língua no contexto da Libras, nos coloca diante de circunstâncias outras, que são importantes de serem observadas e que não se apresentam analisada nas pesquisas encontradas. O contexto linguístico das mães, ainda é um processo pouco analisado, embora os atravessamentos da maternidade relate a preocupação constante sobre esse lugar de acesso pelo filho/a surdo/a. Cabe então ressaltar que esse ato de amor interessado (Bakhtin, 2010) é um campo vasto que sucinta a compreensão da arquitetura constituída por essas mães.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2006.

BAKHTIN, Mikhail. **Para uma filosofia do ato responsável**. Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro e João, 2010.

BARCELLOS, Carine Martins. **Língua e linguagem no diálogo mãe ouvinte-filho surdo**. 2011. 130 f. Dissertação (Mestrado em Distúrbios da Comunicação Humana) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/6509/BARCELLOS,%20CARINE%20MARTINS.pdf>. Acesso em: 27 maio 2025.

BATISTA, Melissa França de Souza. **Ser mãe ouvinte de filho surdo: a construção de identidade na narrativa de mães de crianças surdas**. 2006. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <https://www.bdt.d.uerj.br:8443/handle/1/6630>. Acesso em: 27 jul. 2025.

BRANDÃO, Lavínia Wanderley Pinto. **A fala materna dirigida ao bebê surdo implantado: entre o “ouvinte suposto” e o “aprendiz de ouvinte”**. 2010. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/6393/1/arquivototal.pdf>. Acesso em: 26 jul. 2025.

DIGIAMPIETRI, Maria Carolina Casati. **Narrativas de mães ouvintes de crianças surdas: oralidade, metáfora e poesia**. 2009. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8147/tde-07122009-145603/pt-br.php>. Acesso em: 27 jul. 2025.

EÇA, Antoniclebio Cavalcante; NUNES, Cláudio Pinto. Contribuições das produções de conhecimento sobre autonomia, gestão e suas dimensões. In: BARRETO, Denise Aparecida Brito *et al.* **Estados da arte e conhecimentos em educação**. Vitória da Conquista: Edições Uesb, 2022.

GESSER, Audrei. **Libras? que língua é essa?** Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola, 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOLDFELD, Marcia. **A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista**. 2. ed. São Paulo: Plexus, 2002.

GRECCO, Maísa Kich. **Contingências facilitadoras de comportamento verbal em crianças usuárias de implante coclear e práticas parentais: uma intervenção com mães**. 2016. Dissertação (Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem) – Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2016. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/7210586b-ec94-43b8-95fe-3784f30f6abb/content>. Acesso em: 27 maio 2025.

GUARINELLO, Ana Cristina; LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. O grupo de familiares de surdos como espaço de reflexão e possibilidades de mudança. *In*: SANTANA, Ana Paula *et al.* (org.). **Abordagens grupais em Fonoaudiologia**: contextos e aplicações. São Paulo: Plexus, 2007. cap. 5, p. 105-120. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/123938487/GUARINELO-e-LACERDA-Grupo-Familiares-Surdos>. Acesso em: 21 maio 2024.

MAZZOTTI, Ana Judith Alves. A revisão da bibliografia em teses e dissertações: meus tipos inesquecíveis – o retorno. *In*: BIANCHETTI, Lucídio; MACHADO, Ana Maria Netto (org.). **A bússola do escrever**: desafios e estratégias na orientação e escrita de teses e dissertações. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

PEDERRO, M. F. P. **Interação mãe-bebê com suspeita de deficiência auditiva e indicadores de saúde emocional materna**: comparação com díade mãe-bebê ouvinte. 2018. Dissertação (Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem) – Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Bauru, 2018. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/entities/publication/fdc26825-0613-4ddb-be0d-554e08716b2e>. Acesso em: 24 maio 2024.

ROSSI, Tereza Ribeiro de Freitas. **Brincar**: uma opção para a interação entre mãe ouvinte/filho surdo. 2000. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UNICAMP30_8dcccc97dd506a74ab4c90f21374c1e. Acesso em: 21 maio 2024.

SILVA, Angélica Bronzatto de Paiva. **Aspectos psicossociais da surdez**: a representação social de mães ouvintes. 2006. Tese (Doutorado em Ciências Médicas) – Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/385923>. Acesso em: 27 jul. 2025.

SILVA, Angélica Bronzatto de Paiva; PEREIRA, Maria Cristina da Cunha; ZANOLLI, Maria de Lurdes. Surdez: relatos de mães frente ao diagnóstico. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 13, n. 2, p. 135-142, ago. 2008.